



EU, TU, ELE
NÓS, VÓS, ELAS
ÍNDIO.

OLIVENÇA
É
TUPINAMBÁ

MATAM-NOS
HOJE

partituras

Somos TODOS IGUAIS...
NOS SOMOS ÍNDIOS

Índio (nao
liberdade)

- OR CAMACAN
- ITAPETIMBA
- TOPOHOMBA
- CURVUTIMBA
- CURVITANGA
- BUEARAIMA
- SIRIRIBA

DIZENDO
QUE
VESTIDOS
NÃO SOMOS
ÍNDIOS

LUZ PARA TODOS
E TERRA PARA OS ÍNDIOS



DA - DESDE - COM - SOBRE - PARA - POR ...



DIGITAL

UMA PROPOSTA PARA OS

KARAPOTO PLAK-Ô



A **OCA DIGITAL** ganhou esse nome quando moldávamos nossas ideias no preenchimento do Edital de Seleção 2011 da Fundação Telefônica: Arte e Tecnologia.

O formulário trazia uma lógica, uns critérios que o financiador explicitava, uns quesitos que o terceiro setor tem costume de responder ao segundo setor.

A ideia da OCA DIGITAL ia se materializando em um cronograma de atividades, estimando quantitativamente resultados, inclusive de retorno de imagem. Fizemos um piloto, que entendíamos seria bastante inovador... 06 meses de projeto, sendo 05 meses de LABORATORIO, 7 convidados, 50 jovens Tupinambá, 5 indígenas de outras etnias...

Titulamos o projeto como OCCA OCA DIGITAL, mas o que significava verdadeiramente isso? Por um lado, existia uma vontade e uma ideia de fazermos um LABORATÓRIO, fazermos experimentação, eliminando a dupla: do certo e do errado. Abrir um espaço para a criação (?) onde houver o máximo de liberdade, possibilidades e estímulos. Mas... Liberdade ou que significaria liberdade na nossa práxis específica? A liberdade desenha limites? Possibilidade para que? Qual rumo? Qual sentido? Como se estimula à juventude? Para que mais estímulo que a vida? Como lidar com o estímulo que a juventude faz ao mundo? Que possibilidades têm de aproveitar isso? Com que liberdades nos enriquecemos das experiências?

Tanto nos apaixonamos do projeto ((?) da ideia?), tamanha era a vontade de se aventurar no experimento, que enviamos quase o mesmo projeto para o primeiro setor, Fundo de Cultura da Bahia. O formulário foi bastante parecido, mais interessado em número de beneficiários e menos em retorno de imagem, mais interessados no administrativo e menos no marketing...

Avançamos lidando com o sistema que trazia as tags para nossa nuvem: Oficina, Escola, Educação, Formação, Facilitadores, Participantes, Objetivos, Metas, Avaliações... E com a chuva do conhecido, com a pressão do dominante, com a inercia do formal; relutava nosso LABORATORIO para não perder liberdade.

Buscávamos capital para mover a OCA DIGITAL do mundo dos sonhos para a realidade, preenchemos muitas tabelas, o botamos na calculadora da lógica dos resultados, na lógica de resultados concretos, na lógica imediatista, na lógica do mensurável... Quantas pessoas? Quantas horas? Quantos resultados? Quanto dinheiro? Dai começávamos a imaginar que poderiam existir por um lado o LABORATORIO OCA DIGITAL e por outro o PROJETO PATROCINÁVEL OCA DIGITAL, porque ainda que a relação entre eles pudesse ser muito próxima, também a tensão era muito grande... E qual seria o hiato entre o projeto e a realidade? E o que eu fazer com esse hiato?...

OPA surpresa! O primeiro e o segundo setor aprovaram nosso projeto, o LABORATORIO OCA DIGITAL que previa um furacão piloto de 05 meses de “loucura” se transformou em 11 meses, duplicando assim a “loucura” e misturando três setores a um trabalho com indígenas.

A experiência OCA DIGITAL foi se remixando infinitas vezes, se reprogramando como PROJETO; se reconstruindo na realidade, se aventurando por cantos menos vivenciados e se amarrando aos mais conhecidos; se inventando enquanto LABORATORIO sem se desligar completamente do seguro. Criticando o seguro e arriscando entre as diferentes utopias. Cada pessoa com seu sonho, caldeirão explosivo de alquimia que muito queríamos fosse para a transformação positiva. De nós pessoas participantes, do local e do Planetário. Cada pessoa com suas crenças, valores; todos interagindo, remixando as definições na dinâmica diária, na semanal e na mensal. O projeto sobreviveu a vários atrasos nos repasses de recursos (especialmente por parte da SECULT-BA) eclodindo em 18 meses de desafios, contradições e arco-íris de sugestões. Agora que o último dinheiro do projeto acabou, agora que fechamos o último relatório; agora se abre a OCA DIGITAL para uma nova fase... Uma fase sem recursos financeiros e sem obrigações contratuais. Uma fase com recursos humanos só voluntários, com indígenas comprometidos com a comunidade... O que será?

Muito tentamos executar o projeto inscrito porém, as surpresas da realidade fizeram um LABORATORIO com nós, desmantelando nossos preconceitos, explodindo nossas teorias, incinerando nossas práticas, levando-nos ao borde da “loucura”, que só encontra sossego agora; com nosso primeiro respiro após o TUZINAMI OCA DIGITAL, o processo com o projeto e a realidade ainda nos provoca infinitas reflexões e devaneios... Olhando para trás renascemos para o amanhã.

O programado Vs o inesperado.

No projeto tinha muita coisa programada... Uma turma vai das 08:30 as 11:30 a outra vai das 13:30 as 1630 horas, seguindo os horários dos ônibus escolares que percorrem as comunidades Tupinambá por seus 47.376 hectares (150 km perimetrais) de Território ainda a demarcar. Opa! Choveu e a metade dos ônibus deixar de circular! Opa! Greve escolar e os ônibus deixam de circular! Opa a própria empresa licitada se revolta e deixa de circular! Não há problemas, há soluções... Alguns indígenas querendo chegar à OCA DIGITAL acordam as 04:00 caminham uma hora por dentro da mata escura e pegam o único ônibus de linha que chega à OCA DIGITAL as 06:30 da manhã, então a OCA DIGITAL passa abrir suas portas em esse horário. Opa! Quando chove de tarde o ônibus não passa e então alguns jovens começam a dormir na OCA DIGITAL. Os jovens da manhã querem conhecer os da tarde e vice-versa, então passamos a almoçar todos juntos ao meio dia. Os jovens da comunidade Tetama não conhecem a comunidade Itapoã, que pela sua vez não conhece a comunidade Gwarany Tabá Atã; então passamos a trabalhar aos sábado e aos domingos também fazendo intercâmbios entre as aldeias.

Na região não existe cinema, nem teatro, nem biblioteca, nem um telecentros para fazer pesquisa escolar... A juventude quer espaços de encontros; a OCA DIGITAL passa a ser a segunda casa de muitos e um importante espaço de encontros. Aberta todos os dias, com vida em todos os horários, um LABORATORIO intenso bem fora do “controle”.

Na obrigação de responder a Planos de Trabalho e Convênios tentamos programar à realidade. Dai percebemos que quanto mais importância dêssemos ao Plano menos importância daríamos a realidade.

Quando formatamos o projeto fizemos um Plano para “Guerreiros Tupinambá” – aqueles indígenas que sabem de seus direitos e que entendem as forças que ditam as regras do sistema onde vivemos, aqueles indígenas corajosos e consciente que graças a Tupã existem, mas quando iniciamos a execução do projeto, os fazendeiros, os políticos, o governos estadual e o federal fizeram um bombardeio com a PEC 215, com a AGU 303, com reintegração de posse desfavoráveis aos indígenas, com prisão de indígenas... que quase todos os “Guerreiros Tupinambá” tiveram que dar atenção redobrada nas frentes de batalha com o Ministério da Justiça, Ministério Público e no corpo a corpo com a repressão da policia e os pistoleiros soltos nas áreas, que pouco puderam se aproximar do projeto...

Encontramos uma turma de jovens que já estavam bem “baqueteados” do sistema escolar que qualquer coisa que se parecesse um pouco com “educação formal” não iria caber... Os desafios pedagógicos foram e são gigantes... Mas não só na OCA DIGITAL, mas no Mundo inteiro!

Pedagogia (?) Rebelde com causa.

Na primeira turma, no primeiro dia da OCA DIGITAL, tínhamos 5 professores jovens Tupinambá e mais outro indígena que não era professor. Apresentei-me a turma e perguntei: Vocês querem que os “alunos” de suas classes sejam rebeldes ou obedientes? Todos responderam: OBEDIENTES! Então retruque: Aqui, nós queremos que vocês sejam rebeldes! Rebelde é aquele que não fica preso ao padrão, que não engole tudo o que chega, aquele que pensa, reflete, debate, aquele que busca liberdade e consciência.

Depois de 20 dias com eles, algo tinha acontecido, mas nenhum milagre. Uma das professoras se aproximou ate mim e me disse: Quero que o senhor venha ate minha sala, conheça minha classe, eu tenho 20 monstros e eles não querem mudar. Eu respondi tal vez seja melhor a senhora mudar.

Outras turmas vieram, mas o contexto era o mesmo... Aqui no Nordeste houve muita massacre dos indígenas... Para os sobreviventes a imposição... Cortaram línguas... Proibiram quase tudo. Fizeram um “terra calada”.. E ainda hoje existia a pedagogia do silencio que castra o debate das ideias que codifica as pessoas para ser servos do sistema social. Salas de aula onde só há monólogos oficialistas conteúdo fechado para números, regime de provas... Os jovens com quem fizemos a OCA experimentavam um pouco de algo “tipo liberdade” conosco umas horas e nas outra horas experimentavam a escola. Muitas vezes sentimos nossos corpos como se estivéssemos em um cabo de guerra, puxando e sendo puxados, indo um pouco para esquerda, um pouco para direita, suando muito.

CARA DE LIVRO - CARA PÁLIDA.

No Nordeste brasileiro a população tem cara de nordestina. Imagine, mais de 500 anos de invasões e estupros pari filhos de caras mestiças. A cara do cara diz muito. Os Tupinambá moram bem na entrada da invasão, bem na ferida da constante colonização. As caras dos indígenas Tupinambá são bem iguais a grande maioria dos brasileiros, tem dos olhos e duas orelhas bastante voltadas para a Rede Globo. As instituições de governo estimam em 7.000 o número de indígenas Tupinambá. Tal vez a metade deles viva sem luz para todos. ELES NÃO SÃO PARTE DE "TODOS"? Viver sem luz tem seus problemas mas também garante ter menos quantidade de sombras. Ainda sem luz, os indígenas não encontram mais "facilmente"(?) seu alimento na mata, nos rios, no mar... Muitos deles encontram suas caras sonhando com geladeira, tv de plasma, celular e tantas outras coisas que a cultura FACEBOOK veste a todos. No meio de tanta cegueira, alguns cegos enxergam os indígenas como CARAs PÁLIDA.

A igreja vem catequizando muitos Tupinambá; a educação escolar formal, seu currículo e seu sistema bancário vem domesticando. Hotéis invadiram as áreas indígenas, grandes coronéis de cacau impuseram suas leis. A discussão sobre "a propriedade/posse" da terra banha a região em brigas e até em sangue.

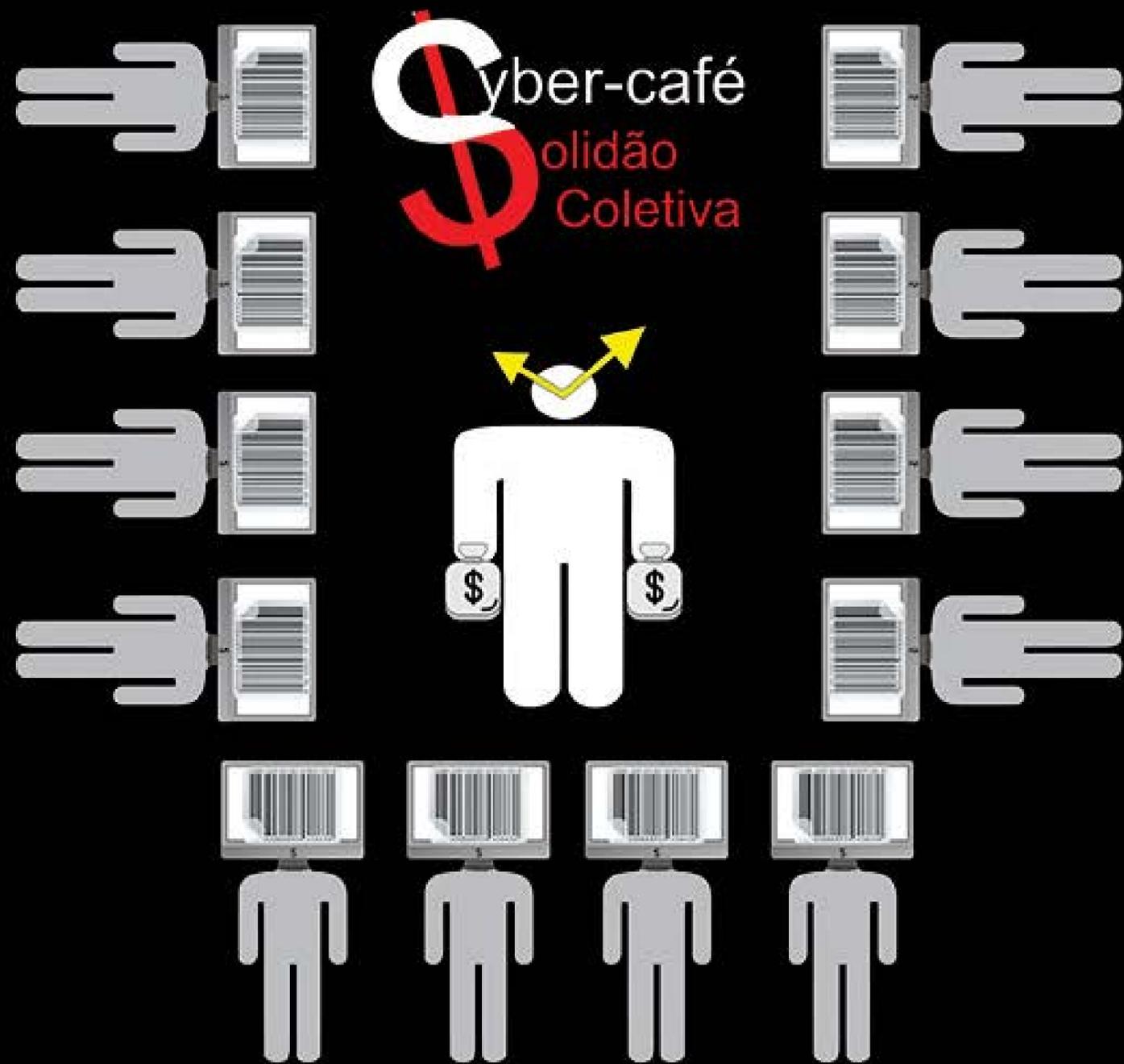
A OCA DIGITAL chegou, ainda que esperada por alguns, como todo o que chega; chegou de fora, trazendo suas crenças e doenças. A OCA DIGITAL encontrou os Tupinambá com pouca prática de OCA (reuniões abertas para consensuar) e muita vontade do DIGITAL já que a Globo e a cultura globalizada já tinha jogado o vírus das novidades, o novo como o melhor.

Uma das crenças que trazia a OCA DIGITAL era que os indígenas se apropriariam das tecnologias digitais da forma que o projeto propusesse: "Tecnologias para o Artivismo, para a resistência, para a luta e a projeção do Povo Tupinambá". Obvio, aconteceu como sempre acontece na vida real, às pessoas tem vida própria e não são peças de um projeto, mas como ativos astutos expertos, os Tupinambá que já demonstraram suas habilidades e suas capacidades, sobrevivendo a milhões de massacres e campanhas de extermínio; deram um jeito de se apropriar das tecnologias e botar um pouco de suas caras nelas.

Óbvio também que nesta grande batalha, pessoas x Império/Rede Globo/Igrejas/Estado/FACEBOOK... O império conquistou muitas caras e muitos caras...

Tem uma frase que li no ":{copyfight:/:PiratariaCultura Livre};;" de Matteo Pasquinelli – "A Rede é ao mesmo tempo, a estrutura do Império e a ferramenta para a auto-organização das multidões" que quero partilhar aqui.

A gente contou com Manuel Rozental que nos trouxe muita luz, definindo a OCA DIGITAL inclusive em oposição as Lanhouses; vejam na continuação a poderosa partilha dele desenhada por Helder Câmara Junior, outro grande parceiro da empreitada:



Cyber-café é um negócio onde as mercadorias são o tempo e a comunicação.

É orientado ao individualismo, cada um com sua máquina e tempo.

No centro estão o indivíduo, a máquina e o lucro.



A Oca Digital é igual às outras ocas.

Existe Oca Digital sempre que se estabelece um círculo para tecer saberes diversos com o apoio das tecnologias, servindo ao processo de fortalecimento das comunidades indígenas.

Oca Digital é um meio de união do espírito das comunidades indígenas.

Em meados de julho, passei uma semana em Olivença imerso na Oca Digital, projeto da Associação Thydewá - responsável também por outros projetos como o Índios Online, o portal Risada e outros. Sebastian Gerlic, coordenador da Thydewá, foi generoso: fez um convite aberto, para que eu levasse para lá um pouco da reflexão sobre laboratórios experimentais, sem necessidade de fechar de antemão uma pauta detalhada. Me preparei para brincar um pouco com a ZASF e ver o que mais acontecia por lá.

Mapas e ZASF

FELIPE FONSECA

A Oca Digital está rolando com três turmas simultâneas, de diferentes idades e níveis de intimidade com a tecnologia. Além delas, haveria também um grupo de parentes vindos de localidades diversas que estão trabalhando em um livro de memória. O cenário de tudo isso ainda contava com o contexto social no entorno. A razão para existência da associação e de muitos de seus projetos é a situação de luta dos Tupinambá de Olivença. Eles já foram reconhecidos há alguns anos, e desde então aguardam a demarcação do território. Frente à inércia das autoridades, há pouco tempo os caciques decidiram começar o processo de autodemarcação. Lideranças, guerreiros e juventude estão tomando a frente, retomando o território que é seu por direito. As aldeias, comunidades e áreas de retomada são dispersas em uma região ampla, e a comunicação entre elas acontece principalmente através das estradas (de terra). Celulares e internet ainda alcançam muito pouco do território. Com a atração pela vida urbana, muitos jovens têm pouco conhecimento do território, marcos importantes e disputas.



Ao longo dos dias seguintes eu decidi me concentrar em duas linhas: por um lado fazer experiências, conversar e mostrar coisas relacionadas a internet, autonomia, redes e serviços locais; e por outro explorar alguns aspectos de geografia experimental, mapas e cartografia. Aproveitei para aprimorar um pouco mais a ZASF - instalei com sucesso um servidor Icecast, e montei um rádio local de teste - que consegui acessar pelos smartphones do projeto via wifi. Fiz um monte de testes com outras coisas - servidores DLNA/uPNP, diferentes soluções de voz (sem muito sucesso por enquanto). Depois, repliquei alguns dos serviços na rede local - instalei um servidor LAMP, samba, ushare, icecast e outras coisas. Pra trabalhar com mapas, decidi repetir o que havíamos feito em Santarém ano passado: projetar um mapa online sobre um papel colado na parede, e fazer o pessoal desenhar seu próprio mapa.

No processo fomos descobrindo pontos importantes da região, espaços em disputa, conquistas aparentemente consolidadas, etc. Debates também sobre o que são os mapas, a que (e a quem) servem, e quem pode ter acesso a eles. Levantamos a questão sobre a natureza dúbia do mapa cidadão, que pode ser utilizado como ferramenta de identidade ao mesmo tempo em que pode oferecer de mão beijada informações importantes para os adversários. Sobreposamos um mapa que alguém havia recebido do ISA, indicando o que deveria ser a terra dos Tupinambá de Olivença, e pudemos perceber o quanto ainda precisa ser feito. Contamos com o conhecimento de terreno de gente importante como o Jaborandy, que está construindo a ponte entre tecnologias novas e tradicionais. Constatamos que as estradas estavam marcadas no lugar errado, nos mapas digitais corporativos. Fizemos o traçado correto no mapa na parede. Também percebemos que Olivença nem constava nesses mapas. O nome está lá, mas não existe nenhuma rua. Felizmente, existe o Openstreetmap. Saímos à rua para registrar os caminhos com o GPS dos smartphones do projeto. Percorremos algumas ruas de Olivença, fizemos anotações, conversamos com as pessoas. De volta ao lab, subimos as trilhas para o josm, identificamos e tagueamos as ruas. E pronto: Olivença está no mapa!



Ainda tive a oportunidade de participar um pouco do processo que o Angel estava desenvolvendo com os alunos - produzindo vídeos, músicas e relatos. Participei também de algumas conversas com o grupo que trabalhava no livro - sobre formatos de publicação online, licenças livres e mapas.

O tempo foi curto, mas deu pra ter uma noção de coisas que precisam ser feitas. A relação da Thydewá com os Tupinambá também deu inspiração para novas investidas na ZASF - é um caso concreto de aplicação potencial de redes autônomas bem estruturadas.

Quero agradecer mais uma vez ao convite feito pela associação e todo o pessoal. Fui muito bem acolhido e me senti em casa. Voltei até um pouco mais pesado, porque as refeições eram fartas e frequentes ;) Espero retornar e pôr em prática a ZASF no território tupinambá...

Awere!

NARRATIVAS AUDIOVISUAIS

DRICA VELOSO

Estive em março em Olivença no interior da Bahia, por uma semana, trabalhando narrativas audiovisuais com indígenas Tubinambás.

O convite fez parte das atividades de formação do Oca Digital, projeto da ONG Thydewá, em parceria com a Fundação Telefônica. Confrim a animação com massa de modelar que produzimos. Ciclo da Terra – 2012 - Produzido colaborativamente na Oficina de Narrativas Audiovisuais que ministrei no Oca Digital.

Na época produzimos também video sobre Pintura Corporal Tupinambá. O melhor de tudo é ver que meses depois o canal está recheado de relatos e outras experiências de diversas pessoas que por lá passaram. Longa vida aos Tupinambás de Olivença!

BRUNO

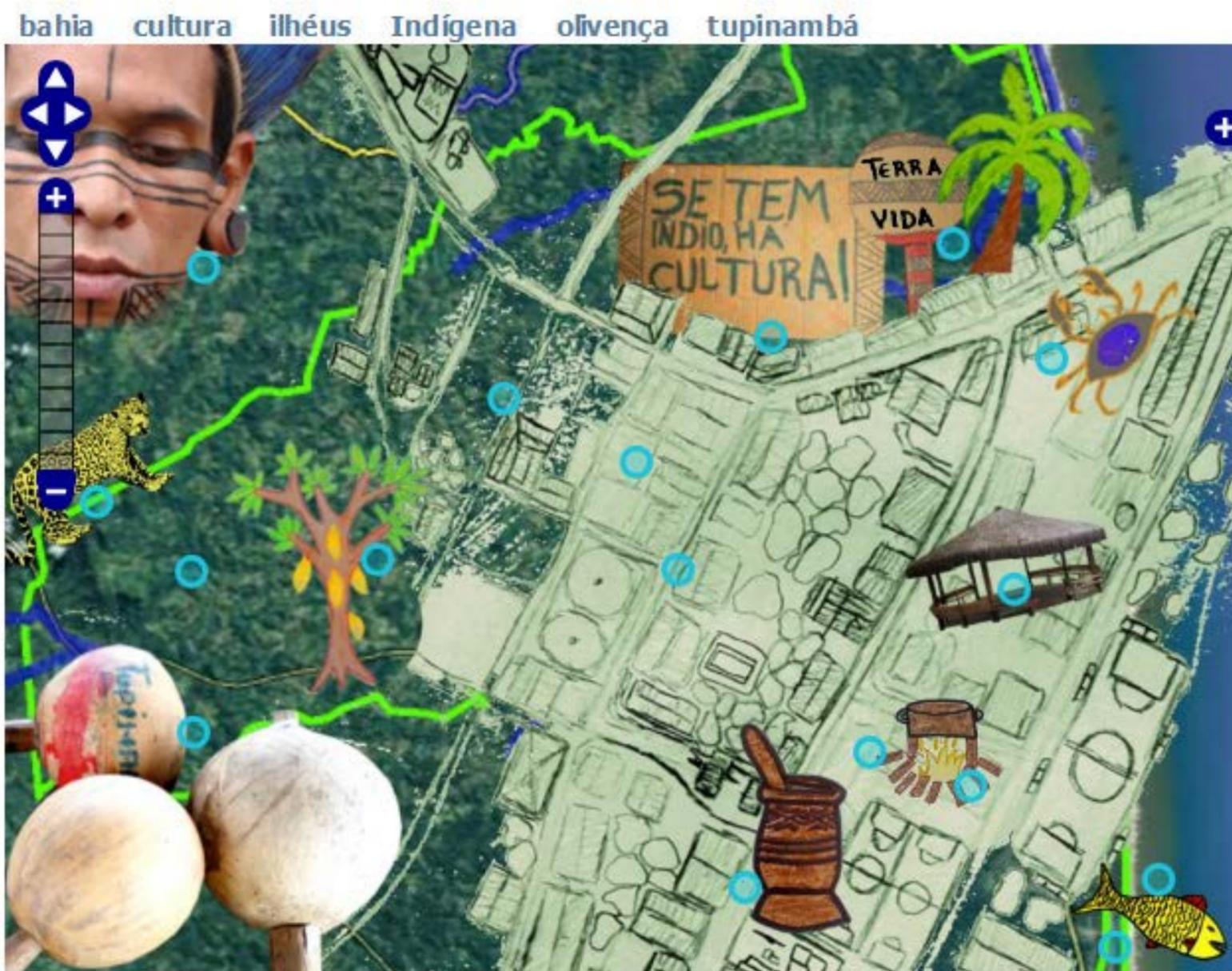
TARIN

que os jovens já gostavam da comunidade, outra que era escrever em papéis amarelos o que eles já não gostavam e a última que era escrever em papéis rosas o que eles gostariam que tivessem ou seus sonhos.

Após esse trabalho foi realizado uma discussão coletiva aprofundando alguns dos temas que apareceram no toró e depois foi feito um

cruzamento, uma conexão entre os diversos temas levantados e aprofundados. A partir dessa primeira cartografia das relações vivas que atravessam os territórios imaginários desses jovens foi iniciado um processo de realização de mapas mentais que podem ser vistos abaixo. Depois dessa etapa iniciou-se o processo de desenho de ícones para o mapa, assim como um mapeamento da cidade de Olivença, edição de imagem, animação assim como pesquisas de imagens na internet para a produção do fundo do mapa - que é composto por imagens de satélites onde foram desenhados a demarcação da terra Tupinambá de Olivença.

Depois de iniciado o processo de desenho do mapa foram feitas diversas rodas para decidir quais seriam os pontos no mapa assim como seus conteúdos e a partir dessas rodas foram feitas pesquisas para recolhimento de materiais já prontos e a produção de outros materiais necessários para compor o mapa.





Tive a oportunidade de acompanhar a Oca Digital desde seus primeiros passos, e logo vi que ela iria trazer conhecimentos diversos para todos que dela participassem.

Foi na Oca Digital que pude conhecer técnicas artísticas tão interessantes como os das animações de Stop motion com edições em software livre como o Cinelerra e Open Shot além de familiarizar com alguns atalhos através de linha de comando (livre), artes em fotos, rádio, técnicas de divulgação e formas inteligentes de se utilizar redes sociais.

Todas essas riquezas culturais e digitais foram passadas para os indígenas que fizeram parte da Oca Digital e também para estudantes do colégio da Aldeia Tupinambá de Olivença, onde a OcaDigital também realizou amostras audiovisuais.

Agora podemos dizer que estamos também crescendo juntos as mídias sociais, para resistir na memória física e virtual de cada pessoa e em cada lugar.

De fato a Oca digital fez uma grande diferença na vida de todos que passaram por aqui (fiz na minha).

Agradeço a tupã e a todos que possibilitaram que cada ideia se tornasse real e concreta.



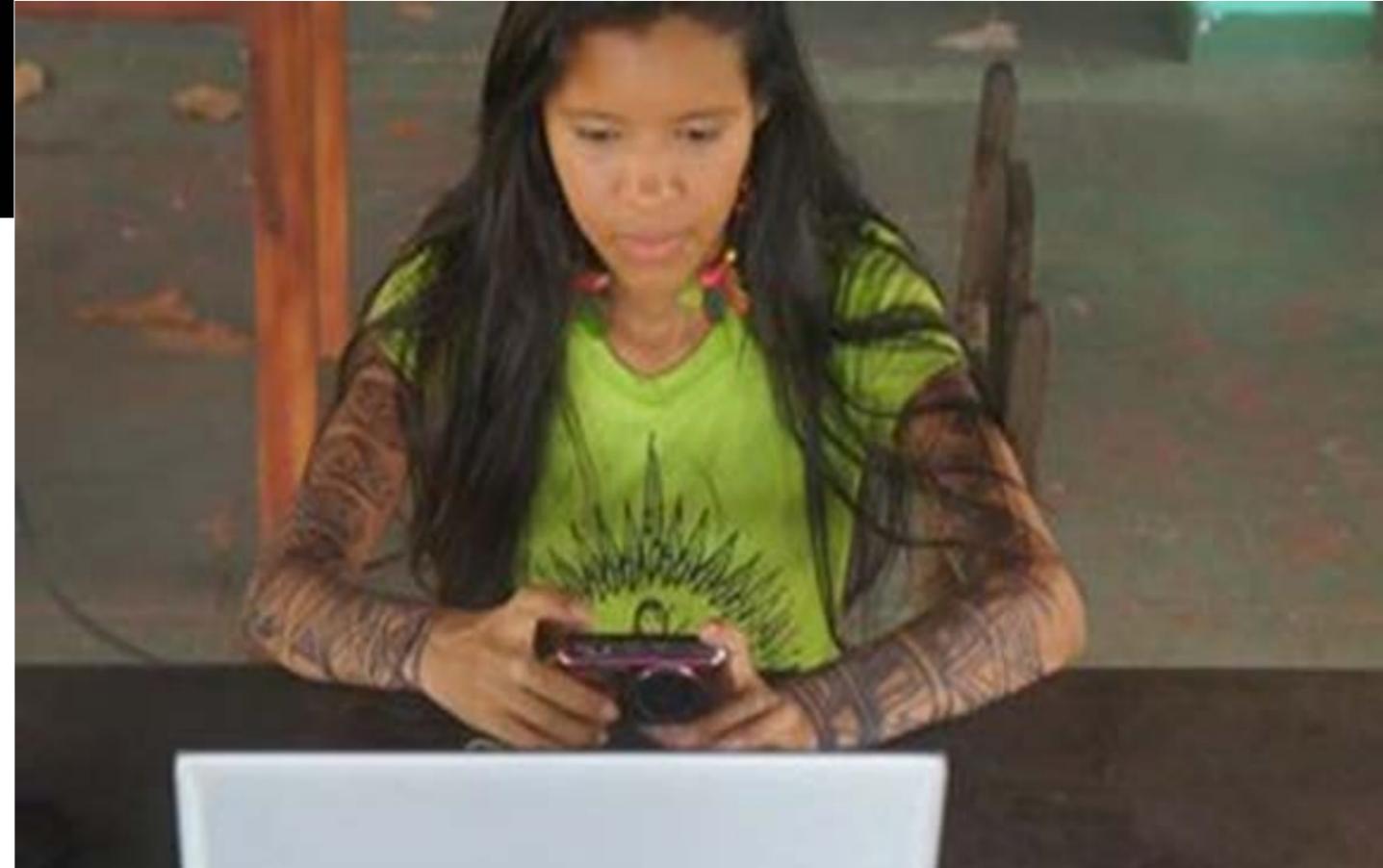
Hemerson

PATAXÓ



GESSY

TUPINAMBÁ



Vivemos em um Mundo onde há grande desigualdade racial e social. No mundo globalizado ainda há muito preconceito, ainda mais contra nós índios. A sociedade tem uma ideia fixa de que os índios são apenas aqueles que vivem pelados e isolados na mata, vivendo somente da caça e pesca. Estamos no século XXI, o mundo evolui a cada dia, novas tecnologias vêm surgindo e nos indígenas não podemos ficar para trás, pois também somos cidadãos com mesmos direitos e deveres, como qualquer brasileiro.

Assim como a flecha é uma arma importante a tecnologia digital tornou-se também uma arma muito importante para nosso povo, nos ajuda na luta, a mostrar nossa verdadeira realidade, e a estar atualizados.



Hoje, muitos de nós usamos roupas, muitos moramos nas cidades, muitos cursamos universidades e muitos nos apropriamos das tecnologias digitais, mas sem esquecer nossas raízes e quem verdadeiramente somos.

Após 512 anos de massacres, escravidão cultural, ainda estamos sofrendo, nem sequer as autoridades não dão assistência a nós como deveria ser, os direitos ficaram só no papel. Mas, nós somos guerreiros resistentes e estamos fortalecendo nossas culturas tradicionais, lutando pela demarcação de nosso território, e cuidando da preservação da nossa Mãe Terra.



**SUBINDO A
RADIOC@**
Sintonize 88.5
e acompanhe ao vivo
a cobertura do
Seminário



Sérgio

MELO

Qual foi a reação dos jovens com a montagem da Rádio? Eles ficaram empolgados?

Foi bastante gratificante trabalhar com radio livre na OCA. As oficinas seguiram a metodologia do estranhamento, descoberta e apropriação autônoma. No início, a facilidade de instalação e funcionamento provoca a estranheza. “Como assim? É só isso que precisa? Já tá funcionando?” Depois disso a idéia é estimular as pessoas a descobrir como utilizar da melhor forma essa nova tecnologia e ferramenta de comunicação. Nessa etapa são trabalhados conceitos de comunicação livre, popular e democrática para que a produção de conteúdos tenha uma base conceitual, cultural e estética mais próximos possíveis da realidade local. Processos de comunicação autônomos são estimulados, que envolvem desde o manejo dos equipamentos, realização de entrevistas, gravação e edição de programas, até a interação com os ouvintes, possibilitando uma participação ampla tanto das pessoas que participaram das oficinas quanto dos ouvintes.

Como foi essa sua imersão na Oca Digital?

No caso específico da OCA os conceitos de comunicação livre já haviam sido trabalhados em outras oficinas, e isso facilitou bastante o processo

de apropriação da rádio pelos parentes. Coube a oficina de rádio apenas mostrar que os mesmo conceitos trabalhados para produção de textos para internet, ou de vídeos, podiam ser adotados para a linguagem radiofônica, sendo que agora o foco seria mais local e chegaria na casa de todas as pessoas.

Para você qual é a importância da apropriação da tecnologia e principalmente dos meios de comunicação de massa para os movimentos de luta, no caso, na luta indígena?

Históricamente, os meios de comunicação de massa são instrumentos de poder e servem às elites. Apesar dessa afirmação não ser nenhuma novidade, o processo de apropriação dessas tecnologias ainda é muito incipiente, apesar da força que ganhou com a popularização da internet e das novas tecnologias. No contexto indígena, mais especificamente, os meios de comunicação são importantes instrumentos de resistência e de luta pela efetivação de direitos. podem ajudar muito no reforço da contrainformação e desmistificar preconceitos. Contribuem ainda, de forma considerável para a valorização da cultura e dos conhecimentos tradicionais.

A RadiOca é itinerante e funciona durante a cobertura de eventos da Oca Digital (<http://www.ocadigital.art.br/>). Seu alcance chega a 9kms do local onde está instalada e é possível ouvir as últimas gravações através do link: <http://ocadigital.art.br/radioca/>

Mas como assim choveu e não dá para passar?

Uma simples pergunta pode ser analisada sobre diferentes pontos de vista. Há um ano atrás, exatamente em julho de 2012, a pergunta do título era apropriada para o lugar de onde eu vinha e morava.

Essa era eu, de São Paulo, querendo conhecer mais sobre a Oca Digital. Onde eu morava até então, quando chovia alagava, mas sempre dava para passar. Lá também tem greve de ônibus, mas confesso que nunca afetou meu caminho. Nunca enfrentei barreiras físicas para chegar onde eu quis, mesmo com algumas dificuldades pelo trajeto, tive recursos o suficiente para transpor as dificuldades que eu achava das mais impossíveis. Consegui.



Fernanda

MARTINS

Quando cheguei em Ilhéus e entrei na Kombi do projeto, fui percorrendo uma cidade que eu havia visitado 6 meses antes. Fiz exatamente o mesmo caminho, só que dessa vez não entrei em uma pousada qualquer, em uma praia turística qualquer, continuei seguindo. Só isso já diz bastante sobre Olivença. Um lugar em que é preciso seguir para chegar, não se perder durante o trajeto e não se distrair com o que é feito exclusivamente para nos distrair. Na minha visita a passeio (distráida, é claro), eu não havia nem ouvido falar. O abandono por parte do município já pode ser visto por aí.

Durante o caminho até Olivença, fui informada que o aeroporto estava um caos. Me assustei porque não tinha reparado, já que o de Ilhéus é tão menor do que o de Guarulhos e qualquer caos quando comparado com o caos que é viver em São Paulo poderia passar despercebido.

Essas poderiam ser desculpas suficientemente válidas, mas não são. A bagunça não chamou minha atenção porque eu não era alvo das acusações e nem de longe poderia ser uma vítima desse caos organizado pelos fazendeiros da região. Eu não sou índia, não sou “falsa indígena” e muito menos “invasora de terra”. É assim que os tupinambá são conhecidos ali. E assim eu fui me dando conta da importância de trabalhar a apropriação dos meios de comunicação e de dar voz aos que são vítimas dos meios de comunicação de massa. Afinal, a história é contada por quem?

Mas como a Oca é uma casa?

Já em Olivença, terra Tupinambá, encontrei uma casa bonita, gente receptiva e um almoço gostoso. Do feijão da Fátima eu nunca esqueci. Os jovens (cerca de uns 10) estavam em atividade, almocei sozinha, já era tarde. De longe acompanhei a discussão sobre produção audiovisual para causas sociais, ou mídia ativismo, como alguns preferem chamar.

O lugar não consigo pensar em outra palavra além de “acolhedor”. Tanto que desde então minha história não mais se desvinculou da história do local. Mas eu, assim como milhares de pessoas, carreguei muito tempo comigo uma história contada pelos livros de história. Aldeia, índio e oca? Se você pedir para um adulto e uma criança desenhar o que vem na cabeça quando escutam essas palavras não verá nada diferente do que retratam esses mesmos livros dos quais estou me referindo.

Quanto o folclore disseminado por uma educação equivocada pode ser prejudicial para uma população indígena? “O Brasil foi descoberto”, “No século XVII todos os tupinambá foram extintos”, “a terra é minha, eu comprei”, “não tem mais índio de verdade, eles já andam por aí vestidos”, “veja só tem uns que moram até em casa”.



Continuar propagando isso (e muito mais) é apertar o gatilho da arma que está nas mãos do sistema. Matando um por um: índios, mulheres, negros, crianças.

Mas como assim compartilhar? Estamos falando daquele compartilhar no Facebook?

Fui avisada que no dia seguinte teria que dar alguma contribuição para aqueles meninos. Confesso que passei alguns dias pensando sobre o que compartilhar com eles. O que poderia ser realmente útil? E ainda mais, o que eu estaria preparada passar? Lembrei de uma monografia que havia acabado de escrever e optei por tratar das redes. Das tão acessadas redes.

Acordei cedo, tomei café da manhã, começamos as atividades com um Porancyn. Depois dessas boas vindas, partilhei um pouco da minha experiência com a tal das redes sociais. Só foi falar do Facebook que um brilho no olhar apareceu no rosto de todos eles. Foi ali

que falamos a mesma linguagem. Não era tupi, nem português, falamos a língua de jovens que adoram a plataforma criada por Mark Zuckerberg.

Fiz amigos por estar no Facebook. Ali na Oca, tirando os jovens participantes, poucos frequentadores fazem uso da rede, a maioria optou por não aderir ou por militar contra plataformas fechadas de redes. Tentei mostrar alguns usos interessantes. A criação de grupos, como criar um evento, insisti que outras plataformas também podem ser bastante interessantes e que o próprio termo “rede social” é muito mais antigo do que a Internet. Enfim, o Facebook venceu.

Dias intensos seguiram. Fizemos trilhas pela região, conheci lugares lindos e muita gente me adicionou como amiga. Aos poucos absorvi parte da realidade local. Fato capaz de estremecer um mundo para a paulista que sou.



Somos todos construtores

Administrar expectativas e práticas não é fácil. Tentamos transpor hiatos com a preocupação de que essas pontes sejam construídas pelas gentes que vão atravessar e não por sonhos de atravessadores. Existem diferenças claras entre o sonhar e o fazer, entre o querer e o acontecer, entre o esperar e o ver surgir. E essas diferenças não podem ser camufladas. Lidar com a realidade e mesmo assim ser capaz de sonhar com a transformação dela tornando jovens os próprios agentes de sua transformação me parece um desafio e tanto. Desafio que muitos projetos estão tentando fazer, mas foi somente na Oca Digital que vi com meus próprios olhos um horizonte capaz de abraçar o sonho da transformação em sua totalidade.

Ali o jovem não aprendia a usar as tecnologias digitais apenas para a comunicação ou/e como ferramenta da luta de um povo. Ali ele poderia aprender que tudo na vida é uma questão política, tudo de uma forma ou de outra nos exige uma postura política. Da escolha de um software até qual meio de comunicação eu uso para me informar, estamos sempre tratando de política. E isso nada mais é do que um reflexo dos envolvidos no projeto.

Sonhadores de várias partes do Brasil se encontraram em Olivença para fazer uma colcha de retalhos colaborativa. Retalhos de sonhos, de ideais, de desejos de transformação. Colorida como a diversidade deve ser. Diferentes formas de fazer, diferentes estilos de vida, diferentes usos para as mesmas tecnologias.

Tudo ali estava em roda.



O desafio da educação

Eu, se eu fosse adolescente de novo, gostaria de ter uma oportunidade como essas. Encurtaria muitos processos que eu viria a ter só mais tarde na minha história pessoal. Acontece que eu, ao me lembrar de como era quando adolescente, penso que se tivesse uma oportunidade como essa, provavelmente teria deixado passar porque era adolescente demais para aquela época.

Trabalhar com educação é aprender a trabalhar nossa própria ansiedade e expectativa. Aprendi durante esse processo que o todo é maior que a soma das partes. Imensurável, impensado, surpreendente. Educação não é ciência exata onde 2 mais 2 é 4. No meio do caminho pode chover e o segundo dois não somar com o primeiro. Continuamos assim com o mesmo número de origem. Não acho que há fórmulas ou soluções, mas encontrei na Oca muita disposição para pensar caminhos. Uma disposição que não cessa, que não cansa, que respeita as partes, mas principalmente o todo que advém da soma delas.

E assim como a Oca, vou encerrar esse texto com a sensação de que poderia ter escrito muito mais. Meio inacabado, meio sem conclusão, como uma reticências. Porque como dizia Paulo Freire, o mundo não é, o mundo está sendo.

Hoje, um ano depois de visitar a Oca Digital, quem não consegue passar quando chove sou eu; excluí há algum tempo minha conta no Facebook; e não ligo mais para Sebastian para perguntar “como?“, ligo para perguntar “por quês”.

Fernanda Martins é jornalista por formação e educadora social pelos caminhos que escolheu na vida. Atualmente mora a 5 horas de Ilhéus, no extremo sul da Bahia, e trabalha com jovens de uma comunidade também explorada pelo turismo, pelos interesses privados e pelos meios de comunicação de massa. Realidade que consegue ser ao mesmo tempo tão diferente e tão próxima a vivida pelos jovens de Olivença.





Quero dizer da minha satisfação em terido conhecer esse projeto e as pessoas que envolvidas.

Muito animador ver a dedicação dos organizadores e facilitadores.

Muito emocionante ver os jovens interessados em aprender sobre o mundo digital para se empoderarem frente aos desafios de seu mundo real!

<http://www.aredes.inf.br/edicao-n-83-agosto-2012/4406-conexao-social-arte-comunicacao-e-luta>

AUREA

LOPES



APPROPRIATION DES TECHNOLOGIES POUR UNE
RESISTANCE DE LA COMMUNAUTÉ
TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA

Sous la direction de Pascal Plantard – Année universitaire 2012-2013

Remerciements

Cette recherche est la concrétisation d'un travail personnel mais qui n'aurait jamais pu se faire si elle n'avait pas découlée d'une contribution collective.

Pour cela, je veux remercier toute la communauté Tupinambá de Olivença qui m'a accueilli pendant sept mois et m'a fait découvrir une nouvelle manière d'appréhender l'être humain. Des personnes en lutte mais qui gardent leur joie de vivre dans les moments de doutes et de tensions. Une communauté qui connaît les vraies valeurs de la vie qui ne serait rien sans la Terre ou la nature alors que nous misons tout sur le profit.

Je veux remercier chaleureusement toute l'équipe avec laquelle j'ai partagé ces moments. Je veux bien sûr parler des réalisateurs de *Tupinambá Digital* : Laís, Gemerson, Jeanderson, Gessy, Jaborandy, Potyra et toute l'équipe de Thydewa en particulier son directeur Sebastian Gerlic. « *Um abraço muito forte* » à Lemuel qui a su garder sa motivation et sa joie de vivre tout au long du projet.

Je voudrais également remercier l'ensemble des personnes qui m'ont accueilli dans les villages d'Itapoã, de Gwarani Tata, de Gwarani Jacy, de Sapucarea, de Tupã... Les *caciques* Rose, Vodelize, Negão, mais également Rosalvo, Nidi, Wilker, Walafi, Welker, Waveli, Princesa, Marcelo, Katu, Nivalda, Maria Rita, Jurancy, João et les parents de Lemuel et de Laís : Mora et Marcia.

Je voudrais remercier Pascal Plantard ainsi qu'Edson de Souza Filho qui m'ont apporté leur soutien dans la mise en œuvre de cette recherche.

Je souhaite également remercier chaleureusement ma famille et en particulier mon père qui m'a soutenu par sa relecture et par la justesse de ses mots.

Mes derniers remerciements seront pour la personne qui partage ma vie. Elle a su me faire confiance en me laissant partir au bout du monde pendant ces 10 mois et m'a soutenu jusqu'à la dernière seconde de l'écriture de cette recherche. Elle a su me rassurer durant ces derniers moments de stress et m'enrichir de ses conseils et de son implication. L'écriture de cette recherche n'aurait jamais pu s'achever à temps si cette petite femme extraordinaire n'avait pas été présente à mes côtés.

Tupinambá Digital é um documentário participativo realizado por sete indígenas para mostrar a realidade Tupinambá, a vida dos mais de 7000 indígenas que não possuem nenhuma terra demarcada para viver e mesmo assim sobrevivem e resistem em sua cultura e na defesa da Mãe Terra.

Os Tupinambá de Olivença vivem em sua área tradicional, embora infinitamente diminuída, invadida, degradada e poluída pelos invasores, área que envolve parte da região que arrasta conflitos sociais pela falta de justiça que protela o não cumprimento do Artigo 231 da Constituição Federal, deixando os nativos do território sem seu direito fundamental.

Os jovens indígenas Tupinambá participaram de um Laboratório de Arte, Tecnologia e Comunicação chamado OCA DIGITAL, que fortalece na apropriação das tecnologias para a transformação social. Este documentário é o fruto de 4 meses de trabalho. Uma vídeo partilha com emoção, realidade indígena e apropriação crítica das tecnologias.



1. Tupinambá Digital - 12 min
2. Somos Tupinambá - 4 min
3. Denuncia-aerial invasores - 1:40 min
4. Canal Futura Oca Digital - 4 min
5. Ciclo da Terra - 1:39 min
6. Sangue - 20 s
7. Terra por Cachaça - 50 s
8. Pintura Corporal - 1:12 min
9. Porancy - 15 min
10. Oca Nossa Midia - 4 min
11. Sal Tupinambá remix - 3:30 min
12. Caminhada Tupinambá - 5 min
13. Oca da Paz - 3 min
14. Retratos Pintados - 4 min
15. Kaluanã - Movimento de um Povo - 14 min
16. Olhar Circular Oca Digital - 10 min



APRESENTA:



TUPINAMBÁ

DIGITAL

TUPINAMBÁ DIGITAL

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



APOIO FINANCEIRO



APOIO



“Um documentário participativo dos filhos da terra sem terra...”

www.ocadigital.art.br/o_doc

"e 15 extras"



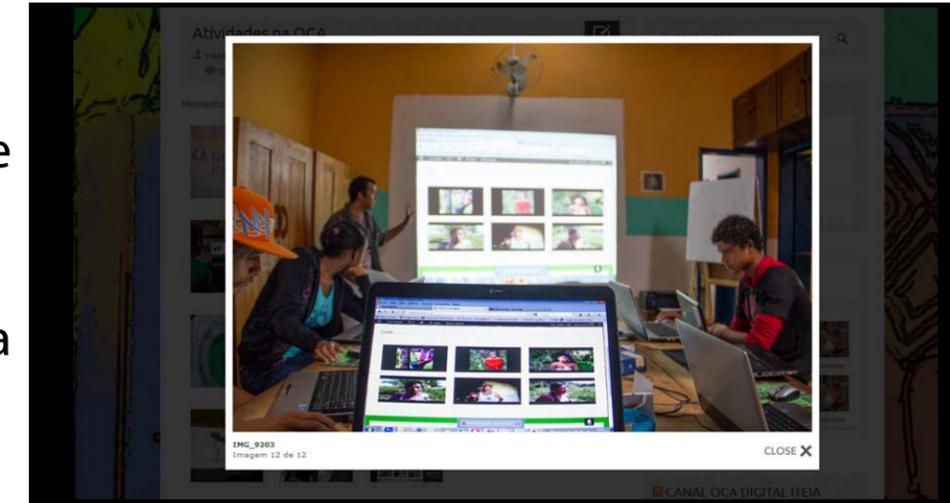
IMERSÃO - COLETIVO - REMIX - EXPERIÊNCIA - LIBERDADE - LIMITE - CRIATIVIDADE - DIVERSIDADE - INEXPERIÊNCIA - ATIVISMO
CONFLITO - TECNOLOGIA - APRENDIZADO - INFORMAÇÃO - TERRA - LUTA - FOME - CALOR - CARÊNCIA - SUOR - CELULAR - VÍDEO
COLABORATIVIDADE - TÉCNICA - SABEDORIA - INCÊNCIA - FÉ - AGIR
CONHECER - ANCESTRAL - BRASIL - NATIVO - POVO - OPRIMIDO



Não descoberto, invadido.

Uma imersão na realidade um povo antigo, extremamente dilacerado pelo novo.

Ouvi Guerreiros e busquei tradução em ressonância a uma Voz há muito amordaçada.



Minha tarefa foi facilitar a vazão da criatividade, informações e saberes dos jovens Tupinambá na Web.
Juntos produzimos o site, peças visuais, videos e trocamos diversas experiências.

Interagi em criações coletivas buscando equilíbrio no cruzamento de diversos conhecimentos, produções sonoras, visuais, artísticas, poéticas, tecnológicas, de simples a complexas.

Entre os facilitadores e organizadores conheci pessoas de talento, cientes de suas causas, bem informadas e na busca de proporcionar aos jovens o despertar primeiro do seu próprio reconhecimento, de suas virtudes e erros, abrindo os olhos dentro de outros prismas.

Dentro de si.

Gratidão ao Povo Tupinambá e à Thydêwá pela oportunidade.

Helder

CJR



DIGITAL

www.ocadigital.art.br

REALIZAÇÃO



THYDEWA
www.thydewa.org



PATROCÍNIO

Telefônica

vivo

Fundação Telefônica

APOIO FINANCEIRO

FOMENTO À CULTURA

Fundo de Cultura

SECRETARIA DE
CULTURA

SECRETARIA DA
FAZENDA



TERRA DE TODOS NÓS

APOIO



o cambui
produções



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA